



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FRANCISCO DE ASSIS SILVA FERREIRA

LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CATOLÉ DO ROCHA - PB
2013

FRANCISCO DE ASSIS SILVA FERREIRA

LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Artigo Científico de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como um dos requisitos para o o grau de licenciado no curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof^o. Esp. José Marcos Rosendo de Souza

F3831 Ferreira, Francisco de Assis Silva.
Leitura e escrita nos anos finais do ensino fundamental
/ Francisco de Assis Silva Ferreira. – Catolé do Rocha, PB,
2013.
20 f.

Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Letras)
– Universidade Estadual da Paraíba, 2013.
Orientação: Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza,
Departamento de Letras e Humanidades.

1. Leitura. 2. Aprendizagem. 3. Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

FRANCISCO DE ASSIS SILVA FERREIRA

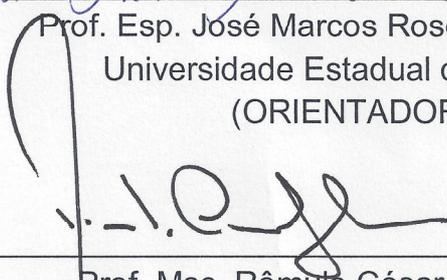
LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Artigo Científico de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como um dos requisitos para o grau de licenciado no curso de Licenciatura Plena em Letras.

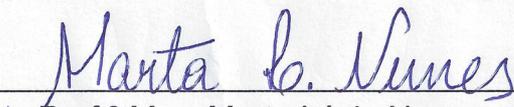
Aprovado em: 03 de Setembro de 2013.



Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza
Universidade Estadual da Paraíba
(ORIENTADOR)



Prof. Msc. Rômulo César Araújo Lima
Universidade Estadual da Paraíba
(EXAMINADOR)



Prof.ª Msc. Marta Lúcia Nunes
Universidade Estadual da Paraíba
(EXAMINADOR)

RESUMO

A leitura e a escrita apresentam-se como principais elementos de uma formação consistente para os alunos. O presente trabalho enfatiza que o professor precisa ter métodos eficazes que despertem no aluno o gosto de aprender coisas novas, e é neste aspecto que a leitura e a escrita estão na vida do educando, ressaltando que a aprendizagem partindo de práticas de leitura e escrita é importante porque vão fazer parte da formação do indivíduo em sua trajetória escolar. Esse trabalho é resultado de estudos feitos sobre leitura e escrita nos anos finais do Ensino Fundamental. O estudo tem como objetivo identificar a concepção dos alunos sobre leitura e escrita e desvelar se eles possuem o hábito constante de ler e escrever e a busca em compreender como esses processos acontecem na sala de aula. Aborda também que a leitura e a escrita são imprescindíveis na vida de cada educando e, com isso, devem-se oferecer estímulos e incentivos para que os alunos tenham uma boa formação enquanto aprendizes.

Palavras-chave: Leitura. Aprendizagem. Hábito de ler. Formação. Ensino.

ABSTRACT

Reading and writing are presented as key elements of a consistent training for students. This work is the result of studies on reading and writing in the final years of elementary school. The study aims to identify the design students about reading and writing and uncover if they have the constant habit of reading and writing and the quest to understand how these processes take place in the classroom. This study emphasizes that the teacher needs to have effective methods to awaken the student to enjoy learning new things, and this is where reading and writing are the life of the student, emphasizing that learning starting from practices of reading and writing is important because they will be part of the training of the individual in their school. Comes also address that reading and writing are essential in the life of each student and, therefore, should be offered incentives and incentives for students to have a good training as apprentices.

Keywords: reading. Learning. Habit of reading. Training. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
I LEITURA E ESCRITA: ABORDAGENS E MÉTODOS	8
1.1 Leitura: conceito e importância	8
1.2 Produção de textos e seus desdobramentos	9
II ANÁLISE DAS ABORDAGENS QUE NORTEIAM A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL	12
2.1 Realidade observada: prática de leitura	12
2.2 Realidade observada: prática de produção de texto	14
2.3 Perspectivas para um ensino produtivo de leitura e escrita	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade escolar de grande importância na formação dos alunos, uma vez que a mesma traz aos educandos a base fundamental à sua formação escolar, trazendo-lhes a oportunidade de tornar-se um cidadão com a capacidade de emancipação e efetivo exercício de sua cidadania, entretanto, tudo isso acontecerá a partir do momento em que a escola tem essa preocupação com relação à leitura e as demais atividades escolares que também têm a responsabilidade de levar aos alunos uma formação completa que os torne críticos.

A escola como um todo, deve ter em sua proposta pedagógica explicitada uma grande preocupação em implantar uma política de formação de leitores desde os anos iniciais da educação básica até o final do ensino médio. Esta preocupação deve partir da instituição escolar que, envolvendo os profissionais da educação, pais e responsáveis, atuem constantemente com projetos de leitura e atividades que visem sempre à formação de novos leitores.

Sabe-se através de diferentes fontes de informações, a exemplo do (Saeb), Sistema de Avaliação da Educação Básica, Prova Brasil, e também o Pisa (Programa de avaliação internacional padronizada) em que além dos países participantes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, (OCDE), o Brasil foi um dos países convidados a participar, ficando claro que a maior parte dos alunos das escolas públicas tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio apresentam dificuldades relacionadas à leitura e à interpretação de textos.

Estes alunos terminam o ensino médio e logo em seguida se deparam com uma realidade que exige de cada um deles uma capacidade de leitura e interpretação muito mais intensa do que a que ele desenvolveu na escola durante a educação básica. Se, porventura este aluno não superar estas dificuldades, ele termina sendo excluído do mercado de trabalho e também perdendo as oportunidades de continuidade de estudos posteriores.

As dificuldades de leitura e interpretação de texto são fatores que justificam o baixo rendimento da maioria dos estudantes nas mais diferentes disciplinas do currículo escolar e conseqüentemente, a reprovação escolar.

Sabe-se, portanto, que a falta do hábito de leitura pode contribuir para muitas dificuldades durante a vida escolar do aluno, por isso, é necessária uma

investigação junto aos alunos da escola de educação básica para se identificar quais são os reais motivos pelos quais os educandos não têm o hábito de leitura. Partindo dessas premissas, vem a preocupação deste trabalho em analisar os problemas de leitura e interpretação de texto com os alunos do ensino fundamental das escolas públicas.

Sabendo que a escola é um espaço onde o processo de aprendizagem deve acontecer de forma dinâmica, democrática e participativa e que esta envolva todos os alunos numa atmosfera acolhedora e inclusiva, é inconcebível que ela não envolva os educandos em um processo de aprendizagem que valorize a formação de leitores e escritores em sua proposta de ensino e aprendizagem.

Este trabalho, portanto, partiu de leituras e reflexões sobre os problemas de leitura, analisados em textos, obras de diferentes teóricos, e discussões em sala de aula durante o curso de Letras. Foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, abordando os principais problemas de leitura nas escolas de ensino fundamental.

Neste trabalho, em dois capítulos, foi feita uma abordagem sobre a leitura e escrita e seus conceitos, enfatizando sua importância para a formação do aluno, bem como abordagens feitas sobre a produção de textos e a realidade observada nas práticas de sala de aula, fazendo uma relação com as ideias dos teóricos especialistas no assunto.

CAP. I - LEITURA E ESCRITA: ABORDAGENS E MÉTODOS

1.1 Leitura: conceito e importância

A leitura é uma atividade de fundamental importância para a formação do aluno, é uma atividade que pode proporcionar-lhe uma amplitude de conhecimentos e uma grande capacidade de criticar e dialogar com os textos que circulam socialmente.

Sobre o conceito de leitura, diz os Parâmetros Curriculares Nacionais, 2001:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir dos seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. (BRASIL, 2001, p. 69.)

Na sala de aula, esse processo deve acontecer naturalmente sem imposições ou constrangimentos enfatizando o prazer que a leitura proporciona e suas vantagens. É importante que o professor procure sempre dialogar com as ideias dos textos instigando os alunos a uma crítica mais contundente a respeito dos textos e que essas ideias sejam discutidas em sala, mas que haja também respeito às colocações dos leitores.

Como afirma Martins (2003, p.25) “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.” Assim, pode-se compreender, de acordo com Martins, que a leitura tem uma importância fundamental na formação do aluno e por isso, ela deve ser trabalhada na escola, prioritariamente.

A leitura atinge a sua amplitude na sala de aula quando o professor torna-se referência nesse assunto, sendo ele antes de tudo um leitor assíduo, pois, como se sabe, a criança sempre vê o professor como um exemplo, e assim sendo o seu exemplo como leitor é fundamental.

De acordo com Martins (2003, p. 34).

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Na sala de aula, o professor tem inúmeras oportunidades de incentivar o hábito de leitura entre seus alunos, desde a criação de um espaço reservado para isso, até visitas frequentes à biblioteca da escola e momentos semanais de leitura desde que os alunos sejam pesquisadores e tenham a liberdade de organizar os seus textos conforme as suas preferências e gostos.

Sendo assim, iniciar uma aula contando uma história, lendo uma fábula ou um poema é um momento de interação que vai acontecendo entre o professor, o texto e os alunos, isso chama a atenção deles, os seus olhos brilham, ficam imaginando-se personagens e por isso tornam-se criativos e motivados pela leitura e pela criatividade em sala de aula, como afirma Antunes (2003, p. 119), “Sabemos quanto a integração da pessoa em seu grupo social passa pela participação linguística, passa pelo exercício da “voz”, que não deve ser calada, nem reprimida, mas, sim, promovida, estimulada e encorajada.”

Ainda nesse sentido afirma Cagliare (2009, p. 130) “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.”.

Nessa perspectiva, a escola tem uma responsabilidade muito grande no sentido de desenvolver atividades que favoreçam uma formação eficiente através de uma prática de leitura que permaneça e o torne leitor, pois essa prática o acompanhará durante toda a sua vida, contribuindo para as conquistas importantes de sua vida numa sociedade letrada que vai exigir dele esse conhecimento o tempo todo.

1.2 A produção de texto e seus desdobramentos

A produção textual precede o hábito e a prática da leitura em sala de aula e fora dela. Por isso, leitura e produção de texto são dois trabalhos que não se

dissociam, estão interligados. Assim sendo, faz-se necessário que o professor tenha em mente, sempre que desenvolver um trabalho com leitura em sala de aula, que seus alunos também devem aprender a escrever e os textos podem estimulá-los a essa tarefa importante. Como sugere Cagliare (2009, p.107)

Deixar que os alunos escrevam redações espontâneas não dando muita atenção aos erros ortográficos e apostando na capacidade das crianças de escrever e se autocorrigir com relação à ortografia é de fato um estímulo e um desafio que o aluno sente no seu trabalho, uma motivação verdadeira para a escrita.

Para se produzir textos, não se pode prender o aluno a “regras” ou “mandamentos de redação”, pois se o professor se prender a estas questões, ele vai simplesmente aterrorizar o seu aluno, fazendo com que ele chegue a odiar esse tipo de atividade, uma vez que dessa forma, antes de escrever vem a inquietação de não ter decorado todas as regras ensinadas pelo professor.

O aluno começa a escrever, quando ele é estimulado já desde textos simples e até mesmo na modalidade oral. Assim sendo, vale a pena o professor ter a noção de texto, sabendo antes de tudo que texto pode ser qualquer produção que apresente sentido, que desperte o interesse do leitor.

Ainda nesse sentido, vale ressaltar a maturidade do professor que deve ter conhecimento o suficiente para entender que aprender a escrever se aprende escrevendo, mesmo sem ter o pleno domínio da norma culta da língua. Mesmo que o texto produzido pelo aluno apresente os chamados “erros” de português, o professor deve ajudar o aluno nesse sentido, antes de tudo valorizando a produção dele, observando os sentidos do texto, a organização de ideias e, inicialmente a sua capacidade de escrever.

Nesse sentido, afirma Traváglia (2001, p.141)

Todos sabem que existe um grande número de variedades linguísticas, mas, ao mesmo tempo que se reconhece a variação linguística como um fato, observa-se que a nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar o uso característicos de cada variedade como certos ou errados, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos, etc

Conforme acentua Traváglia, é importante que o professor não tenha apenas a preocupação com a língua culta, considerando “certo” ou “errado” algumas

colocações dos alunos em suas produções textuais, para não cair no erro de desestimular os alunos em suas atividades.

O bom desempenho desse trabalho em sala de aula depende muito da dinâmica do professor e sua mediação quando ele incentiva os alunos a essa prática, criando oportunidades diversas de situação de produção, estimulando, ajudando, mediando e sempre incentivando.

Nesse sentido, afirma Antunes (2003, p. 60)

A maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes se faz assim, e é uma conquista inteiramente possível a todos – mas é “uma conquista”, “uma aquisição”, isto é, não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência. Supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas (com rasuras, inclusive!), aprendizagem. Exige tempo, afinal. Antunes, 2003, p. 60.

De acordo com o pensamento de Antunes, é necessário que o professor, além de estimular o aluno à produção de texto, ele deve se esforçar juntamente com o educando nessa tarefa importante de sua vida, pois a partir do momento que o aluno aprende, mesmo com dificuldades, ele aprende para a vida, ele conquista, e, como se sabe, isso exige tempo, tentativas, estímulo e esforço.

Mesmo que a atividade de produção textual seja uma composição de interpretação que o aluno leu, em sala de aula ou fora dela, faz-se necessário que o professor o ajude, valorizando o seu trabalho, interferindo no sentido de ajudá-lo, sem destruir o texto com correções chamativas, mas colocando-se como alguém que o auxiliará a torná-lo melhor a cada atividade.

CAP. II - ANÁLISE DAS ABORDAGENS QUE NORTEIAM A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 Práticas de leitura

As práticas de leitura desenvolvidas, na sua grande maioria, nas escolas públicas, constituem-se de atividades que realmente levam os alunos a não desenvolverem o hábito de leitura, nem se tornarem leitores por serem práticas desmotivadoras e bem mais que isso, são impostas ao aluno, como se este não tivesse um senso crítico ou a capacidade de decidir e/ou escolher um texto/gênero para se deleitar em sua leitura.

As práticas desmotivadoras, perversas até, pelas consequências nefastas que trazem, provém, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem. Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incorreto do que seja ensinar português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola. (KLEIMAN, 1996, p. 16)

Pelo que se pode observar na concepção de Kleiman, existe uma compreensão tradicionalmente errada sobre a natureza da leitura e do texto. O mais agravante é que essa concepção já é legitimada pela escola e conseqüentemente vai interferir fundamentalmente na formação do aluno que sai da escola sem ter uma compreensão de leitura e de texto que lhe favoreça melhoria na qualidade de vida, em um mundo onde as pessoas tornam-se cada vez mais dependentes do texto e da leitura.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, influência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. (BRASIL, 2001, p. 69)

Assim sendo, a atividade de leitura implica um processo de antecipação por parte do professor. Um planejamento com objetivos amplos e bem definidos para conseguir fazer dos seus alunos leitores competentes. Não se tratando de leituras mecânicas cujos objetivos não vão além da decodificação e da boa expressividade

das palavras, como se isso fosse o suficiente para se dá um diagnóstico de leitor capaz de ler e compreender um texto na sua totalidade.

Um leitor competente sabe e tem consciência de que é importante para ele selecionar os textos que circulam socialmente e que atendam as suas necessidades. Nesse sentido, faz-se necessário o conhecimento dos diferentes gêneros textuais que fazem parte do cotidiano das pessoas em todos os lugares, em um mundo globalizado, onde o conhecimento e o texto tornam-se cada vez mais acessíveis com o avanço das tecnologias da informação.

Gêneros textuais (doravante GTs) são práticas sócio históricas que se constituem como ações para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo de algum modo. Por serem fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social; fruto do trabalho coletivo; formas de ação social; modelos comunicativos; eventos textuais, os GTs apresentam características comunicativas cognitivas, institucionais e linguísticas/estruturais, cuja finalidade é predizer e interpretar as ações humanas em qualquer contexto discursivo, além de ordenar e estabilizar as atividades comunicativas cotidianas. (DELL'ISOLA, 2007, p. 17)

Assim, vale a pena se ter essa consciência, enquanto professor de que os diferentes gêneros textuais têm todas as funções apresentadas por Dell'Isola, quando os valoriza enquanto fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social.

Os diferentes textos interpretam as ações humanas, são produções coletivas, por isso devem circular na sala de aula também para que a escola, trabalhando-os possa desenvolver um trabalho que não esteja distante da realidade social e que faça com que o aluno ao sair da sala de aula sintam-se familiarizado com o que ele vê lá fora, pois dessa forma, a formação dele enquanto leitor competente se completa na realidade do seu cotidiano. Este trabalho bem planejado, por parte do professor de Português, antecipando um cuidado de selecionar textos, trabalhando-os com os alunos, respeitando suas preferências, conhecimentos prévios e fazendo interferências no sentido de ajuda-los e incentivá-los a cada dia em sala de aula vai ajudar aos estudantes formando-os leitores e mais que isso, preparando-os para a produção escrita, porque o ato de escrever não está dissociado do ato de ler.

A leitura é a base fundamental para se ampliar os conhecimentos de quem escreve, por isso, a importância e a necessidade do trabalho com diferentes gêneros de textos, pois cada um deles tem a sua função social, que deve ser explorada pelo

professor em suas aulas de leitura e interpretação, dando também a liberdade aos alunos para que eles próprios façam as suas inferências e aos poucos vão se tornando capazes de extrair do texto a sua essência e a partir dos quais passar a construir os seus próprios.

Através de observação direta em sala de aula, visitas e conversas com alunos e professores, pode-se perceber a partir de depoimentos de professores que os alunos que leem mais têm a capacidade de escrever mais e melhor e os alunos que visitam mais a biblioteca não sentem tanta dificuldade em tecer textos argumentativos ou outros tipos de textos solicitados em sala de aula.

No entanto, são poucos os alunos que apresentam interesse em ir à biblioteca. Eles são acostumados a aulas que não passam de cópias de exercícios e quando são solicitados a ler, leem textos curtos, escolhidos pelo professor apenas para resolver algumas questões de interpretação, não havendo um momento para discussão, dando oportunidade para que os mesmos possam se expressar e apresentar as suas ideias sobre o que compreendeu do texto lido.

Na maioria das vezes, prevalecem as aulas de gramática, com exercícios de fixação, reconhecimento das classes gramaticais e/ou termos da oração, usando para isso, muitas vezes, o texto como pretexto para identificação desses aspectos linguísticos.

2.1.1 Uma possível proposta sobre práticas de produção de texto

Nas escolas públicas, mais precisamente na disciplina de língua portuguesa, quando são solicitadas as produções de textos, os alunos sempre demonstram muitas dificuldades neste tipo de atividade. É comum se ouvir de muitos professores reclamações dos alunos acerca das atividades de produção de texto. Eles sentem muita dificuldade e “travam” já no início, o que mostra uma fragilidade desse tipo de atividade pelos professores na escola, e por que não dizer, atividade trabalhada sem muita importância na sala de aula.

Nesse sentido afirma Geraldi (2002, 64):

O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos têm se repetido de ano para ano, e o aluno que for suficientemente vivo, perceberá isso. Se quiser, poderá guardar redações feitas na quinta série para novamente entregá-las ao professor da sexta série, na época oportuna [...].

Pode-se perceber através desta crítica feita por Geraldini que muitas vezes falta, inicialmente, um compromisso maior por parte do professor nas suas propostas de produção de textos em sala de aula, o que, na verdade, deveria ser planejado com antecedência, vivenciando as experiências de leitura em sala de aula.

Falta de criatividade na escolha dos temas também constitui uma incoerência na prática de produção de textos do professor, o que termina desmotivando o aluno em relação a esta atividade tão importante. O aluno sabe que o seu texto terá apenas um leitor, o professor, e que esse texto servirá apenas para adquirir uma nota para passar de ano e pronto, quando, na verdade, as produções de texto deveriam ser mais exploradas e trabalhadas perto do que seriam as suas funções sociais na sociedade na qual está inserido. Essas são questões bastante observadas nas escolas e também nas colocações dos alunos.

Ainda nesse sentido, afirma Geraldini (2002, p. 64)

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de texto na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)?

Esse é, sem dúvida, mais um agravante no que diz respeito à atividade de produção de texto em sala de aula. Uma prática que não motiva o aluno a nada. Não existe um para quê se escrever um texto? Qual a sua função social? Para onde ele vai, quem serão os seus leitores e qual o seu reconhecimento? Não existindo essa preocupação e esse objetivo, o resultado é a falta de interesse do aluno e conseqüentemente um déficit de aprendizagem para o prosseguimento dos estudos e até mesmo para exercer a sua cidadania enquanto falante da língua.

Com relação a essa prática, afirma Antunes, 2003:

A prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para “exercitar”), uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do texto. (ANTUNES, 2003, p. 26)

Como se pode perceber pela crítica de Antunes, são muito desmotivadoras algumas práticas de produção de texto em sala de aula. A partir do momento em que a escola não desenvolve um projeto que valorize a criação de textos, fazendo

com que eles circulem na escola, em algumas das páginas da escola na internet, se for o caso, aumentando o número de leitores, críticos e apreciadores desses textos. Dessa forma, seriam textos que iriam adquirir leitores variados, iam ter uma circulação maior, e poderiam até ser usados e reescritos na própria escola por alunos de outras turmas.

Sendo a escola um espaço privilegiado de produção do conhecimento, onde os alunos sentem-se em um ambiente bastante favorável ao contato com os outros para poder interagir socialmente, ela não poderia se eximir de desenvolver um trabalho que favorecesse uma maior interação entre os jovens.

2.3 Perspectivas para um ensino produtivo de leitura e escrita

Um dos maiores desafios do professor de língua portuguesa no século XXI é certamente a formação de leitores competentes, e conseqüentemente pessoas capazes de fazer uso da língua no que diz respeito à escrita, uma vez que a leitura é a base para a capacidade de escrever com mais coerência e coesão diferentes tipos de textos.

Sabe-se que a existência de pessoas que passaram pela escola e que se consideram leitores, mas não são capazes de compreender um texto na sua essência, é uma dura realidade. É o que se pode chamar de analfabetismo funcional. Isso mostra a fragilidade do ensino, em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, não está havendo um trabalho de leitura e escrita comprometido com a aquisição das habilidades necessárias à formação do estudante.

É importante que, nas aulas de leitura, o aluno faça perguntas, levante hipóteses, confronte interpretações, conte sobre o que leu e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização de informações. (CAFIERO, 2010, p. 86.)

Muitas vezes, o que desmotiva o aluno nas aulas de leitura são as práticas mecânicas, sem criatividade e sem oportunidade para uma discussão onde os alunos possam expor suas ideias, confrontos e conclusões acerca de tudo o que compreendeu sobre o texto trabalhado.

Ainda de acordo com Cafiero (2010, p.88):

Um compromisso a ser assumido pela escola é o de possibilitar ao aluno a aprendizagem da leitura dos diferentes textos que circulam socialmente. A leitura de jornais, revistas, livros e o contato com teatro, cinema e música alargam os limites da mente e dos possíveis leitores de um mesmo objeto. Ampliar esses limites pode contribuir (embora não garanta) para que a capacidade de escrita também se desenvolva na forma (ortográfica, morfológica e sintaxe) e no conteúdo (ideias e argumentação).

Organizar uma seleção de textos de diferentes gêneros e que circulem socialmente, possibilita, ao aluno leitor, uma ampliação dos seus conhecimentos além de adquirir uma maior prática de leitura, interpretação e a capacidade de também, escrever. Essas habilidades trarão ao estudante uma capacidade crítica maior e o tornará apto a uma melhor compreensão da realidade que o cerca.

Nessa perspectiva, o estudante vai compreendendo a função de cada texto que circula socialmente: livros, jornais, revistas, entre outros. Os conhecimentos que vai adquirindo vão melhorar o seu repertório para uma melhor produção de texto. A par de mais conhecimentos, ele terá muito mais argumento em seus textos dissertativos, textos opinativos ou de crítica social.

Nessa perspectiva, afirma Antunes, 2003:

As propostas para que os alunos escrevam textos devem corresponder aos diferentes usos sociais da escrita – ou seja, devem corresponder àquilo que, na verdade, se escreve fora da escola – e, assim, sejam textos de gêneros que têm uma função social determinada, conforme as práticas vigentes na sociedade. ANTUNES, (2003, p. 62.)

Dessa forma, os alunos terão oportunidade de aumentar os seus conhecimentos acerca dos diferentes textos e suas respectivas funções sociais. Os próprios textos dos alunos passam a circular na escola, fazendo com que os alunos e a comunidade escolar se torne leitores dos textos produzidos na escola por um trabalho em conjunto dos professores e seus educandos. Essa iniciativa pode motivar os estudantes a uma prática de produção de texto muito mais significativa e que passa a dar sentido ao que eles aprendem na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções de leitura têm sido, com o passar dos anos, as mais diferenciadas. No decorrer da história, podemos afirmar que o ensino de leitura nas

escolas consistia em apenas decodificar “bem” os signos linguísticos: os alunos que liam “bem”, eram considerados bons aprendizes. Essa forma de pensar e trabalhar a leitura foram, ao longo de muito tempo, considerados metodologias adequadas no processo de ensino/aprendizagem em nossas escolas.

A formação de leitores que deveria ser a prioridade do professor de Língua Portuguesa não é tratada com tanta importância, ficando essa lacuna na responsabilidade do professor e da escola e conseqüentemente na vida do aluno. A falta do hábito de leitura entre os próprios professores consiste em um problema grave, pois ele é, ou deveria ser um dos melhores exemplos de leitores, mostrando isso o tempo todo para os seus alunos através de dicas de bons livros, autores e uma diversidade de gêneros interessantes à boa leitura das crianças e jovens.

No entanto, em muitas escolas de ensino fundamental, as atividades de leitura são descontextualizadas do mundo e do interesse dos alunos, além de se caracterizarem em apenas decodificar palavras e textos, não despertando nenhum interesse no aluno quanto ao gosto e hábito deste pela leitura. Enfim, esta forma de trabalhar o texto é desmotivadora e perversa, devido às conseqüências nefastas que provocam no aluno uma concepção errada acerca da leitura.

Assim, fica a certeza de que muitas escolas têm uma concepção tradicionalmente legitimada com relação à prática de leitura e, conseqüentemente, influenciada diretamente na falta de incentivo à formação de leitores.

Muitas vezes, o professor não é um leitor, e, sendo assim, ele não consegue incentivar o aluno à hábito de leitura. Por outro lado, em suas aulas, há o predomínio do ensino da gramática tradicional e assim essa prática se sobrepõe as atividades de leitura de modo que os professores terminam dedicando o seu tempo quase que exclusivamente a essa atividade. Outro aspecto importante a ser observado é o livro didático.

Há várias concepções de leituras inerentes à prática pedagógica dos professores. Para aqueles que a priorizam como decodificação de palavras ou textos, devem repensar sua relação com a leitura a fim de resolver a resistência dos seus alunos no que diz respeito à falta de exercício desses enquanto leitores. Um mediador entre o aluno e o texto, dialogando, instigando, questionando, aguçando a curiosidade do aluno em conhecer mais profundamente o tema abordado no texto.

Sabemos que a leitura é fator decisivo para o aprendizado do indivíduo e seu desenvolvimento como um ser autônomo, consciente, crítico dentro da

sociedade, na qual está inserido. É através da utilização da mesma, no nosso dia-a-dia, que desenvolvemos condições para estabelecermos o elo entre o prazer e o conhecimento proporcionados pela prática da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português. Encontro e interação* – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, Secretaria de educação fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Língua portuguesa* – Brasília, 2001.

CAFIERO, Delaine. *Letramento e leitura: formando leitores críticos*. In: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Língua Portuguesa*, V. 19 – Coleção explorando o ensino – Brasília, 2010. P. 88.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007.

GERALDI, João Wanderley. (org.). *O texto na sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura, teoria e prática*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura* – São Paulo: Brasiliense, 2003.

ROJO, Roxane. *Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando?* In: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Língua Portuguesa*, V. 19 – Coleção explorando o ensino – Brasília, 2010. P. 17.

TRAVÁGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.